

SAMPAIO, Juliano Casimiro de Camargo. Comunicação - O Outro na periferia do Ser – experimentação corpo-sensível do mundo para a criação artística. Palmas: Universidade Federal do Tocantins; Professor Adjunto com Dedicção Exclusiva. UNESP; Professor Colaborador.

RESUMO

Este texto é parte dos resultados da pesquisa “COMPOSIÇÃO POÉTICA CÊNICA E CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO”, em realização na Universidade Federal do Tocantins. Pretendemos, aqui, responder à questão: “Quais as implicações da presença do Outro (cocriador) para a experimentação do mundo pelo Ser, com fins da criação corporal-estética? Metodologicamente, as relações de centralidade do Eu e a localização periférica do Outro nas interações Eu-Mundo serão discutidas em duas perspectivas complementares: 1. Construtivista Semiótico-Cultural em psicologia, segundo os escritos de Ernest Boesch sobre o agir simbólico e de Livia Simão sobre as relações Eu-Outro-Mundo; 2. Fenomenológica, tomando-se como referência a obra “A Prosa do Mundo” de Merleau-Ponty. Chegamos, nesta pesquisa, a que o Ser reconhece pelo Outro a finitude das suas habilidades interativas com o mundo, enquanto vislumbra a potencialidade da reorganização do seu campo de criação corpo-sensível. Concluímos que não é o Outro como materialidade que constitui certa mediação para a relação do Ser com o mundo, senão enquanto um duplo errante, que frequenta os arredores da existência acional simbólica do Ser.

PALAVRAS-CHAVE: Ação Simbólica; Corporeidade; Experiência Estética.

ABSTRACT

This paper is part of the results of the following research: “Scenic Poetic Composition and Making Knowledge Process”. It has been developed at Federal University of the Tocantins. It intends to answer to the following question: What are the implications of the Other as a (co)creator of the Being experimentation process of the world? This question refers to the context of the corporal-aesthetic creation. Methodologically the centrality of de Being and the peripheral localization of the Other in the I-World interactions will be discussed from two complementary perspectives: 1. The Semiotic-Cultural Perspective in Psychology, from writings by Ernest Boesch about the symbolic action and the writings by Livia Simão about the I-Other-World relationships; 2. The Phenomenological one, from “*La Prouse du monde*”, by Merleau-Ponty. The results of this research are the Being is able to recognize through the Other, the finitude of his own interactive abilities with the world. At the same time the Being catches a glimpse the potentiality of the reorganization of his personal body-sensible creation field. It concludes that it is the Other as a double wandering and not as a materiality that constitutes a kind of mediation between the Being and the world. This Other often goes into the periphery of the ational symbolic existence of the Being.

KEYWORDS: Symbolic Action; Corporeity; Aesthetic Experience.

A presença do Outro nos processos pessoais de criação artística, enquanto outridade (Simão, 2012) – algo que é tomado pelo Sujeito como Não-Eu -, pode ser percebida pelo sujeito-criador, mas também por um terceiro, em

pelo menos três perspectivas: 1 – outro enquanto alguém que cria junto presencialmente ou alguma coisa de que se vale em ato para a criação; 2 – alguém ou algo que influencia a criação por diferentes caminhos, de forma consciente para o sujeito-criador, mas que não está materialmente presente; 3 – alguém ou algo que influencia os percursos da criação, ainda que de forma não declarada ou sabida por quem cria. Visto isso, vimos investigando um caminho de resposta à questão: Quais as implicações da presença do Outro (cocriador) para a experimentação do mundo pelo Ser, com fins da criação corporal-estética? Como a própria questão evidencia, nesse momento, abordaremos o Outro como outra pessoa, deixando as discussões a respeito do outro-não-pessoa para eventuais futuras elaborações do tema.

O que apresentamos a seguir são eixos fundamentais dos percursos de respostas que estamos realizando teórica e praticamente. No que se segue, construiremos os caminhos que nos levaram, até aqui, a supor que o Ser reconhece, pelo Outro, a finitude das suas habilidades interativas com o mundo. Isso ocorre na medida em que o Ser vislumbra a potencialidade da reorganização do seu campo de criação corpo-sensível. Assumimos aqui que não é exclusivamente o Outro como materialidade que constitui certa mediação para a relação do Ser com o mundo, senão enquanto um duplo errante, que frequenta os arredores da existência acional simbólica do Ser.

As relações Eu-Outro de que trata esse texto são tomadas enquanto sistemas gravitacionais: o Eu estabelece para si e em si mesmo um ponto de fixação no mundo, enquanto vê os Outros percorrermos trajetórias acionais em torno de si; trajetórias de influência sobre seu campo potencial de ação simbólica (Boesch, 1991).

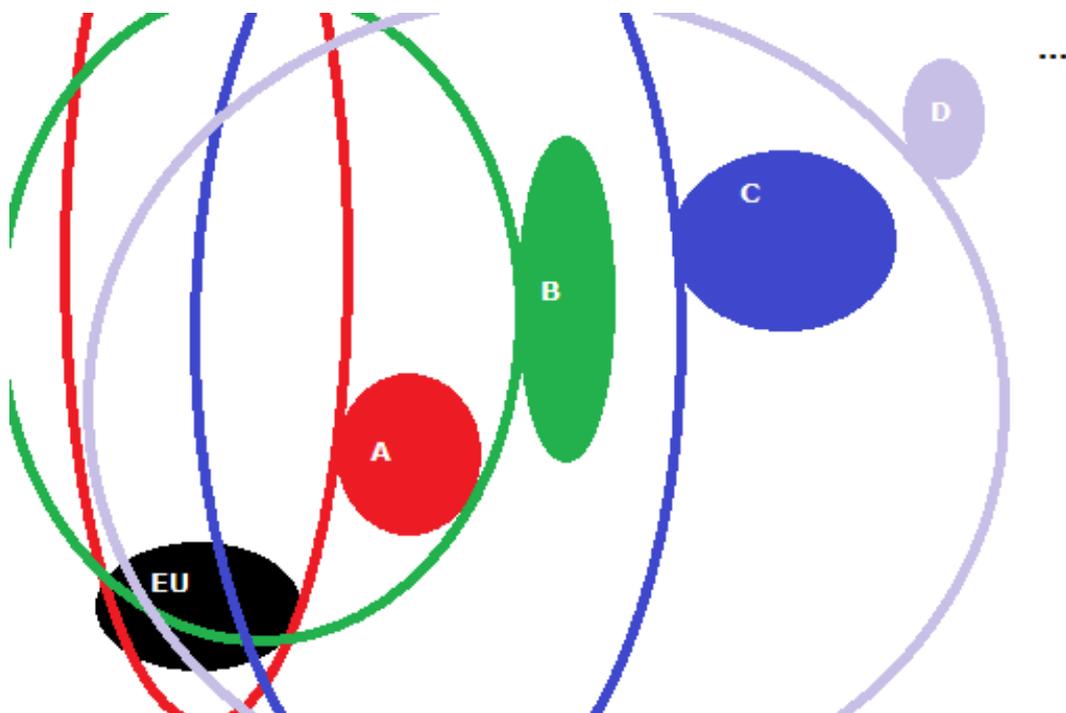


Figura A – Sistemas Gravitacional de relações Eu-Outro – Trajetórias de influências dos Outros (A, B, C, D, ...) sobre o campo potencial de ação simbólica do Sujeito-Criador (Eu).

Essas trajetórias de influência são constituídas por três aspectos fundamentais: 1 – aquilo que incide diretamente nos modos de ação do Eu, em sua presença (trechos que estão representados na Figura A em cima da esfera correspondente ao Eu); 2 – Aquilo da trajetória de ação do Outro no mundo, que é sabido pelo Eu, mas que não incide diretamente sobre ele (trechos das trajetórias visíveis na Figura A e que não são coincidentes com o Eu). Esse segundo aspecto inclui a influência que o encontro entre trajetórias de diferentes Outros entre si (A, B, C, D, ...), sabido pelo Eu, pode exercer sobre os desejos e expectativas do Eu; 3 – Aquilo da trajetória de ação do Outro que o Eu não sabe e quando se relaciona com esses trechos é sempre no âmbito da suposição (partes faltantes das trajetórias na Figura A). Esse terceiro ponto contempla ainda trechos das trajetórias dos Outros (A, B, C, D, ...) supostos pelo Eu como coincidentes entre si.

Necessitamos compreendermos que as trajetórias não são coincidentes com elas mesmas a cada vez que completam um ciclo. Toda presença, enquanto diferentes forças gravitacionais, altera o percurso a ser realizado, podendo, inclusive, atrair novos Outros e repelir alguns, configurando o sistema sempre diversamente. Necessidades, desejos e demandas pessoais e coletivas também alteram as trajetórias por múltiplas razões. É importante, ainda, que saibamos que o Eu, ainda que se sinta como um ponto fixo no sistema para ele mesmo, é ele também em percurso para Outros. E ele sabe disso, já que compreende nas suas ações em relação aos Outros as três naturezas de trajetórias descritas acima (Figura B).

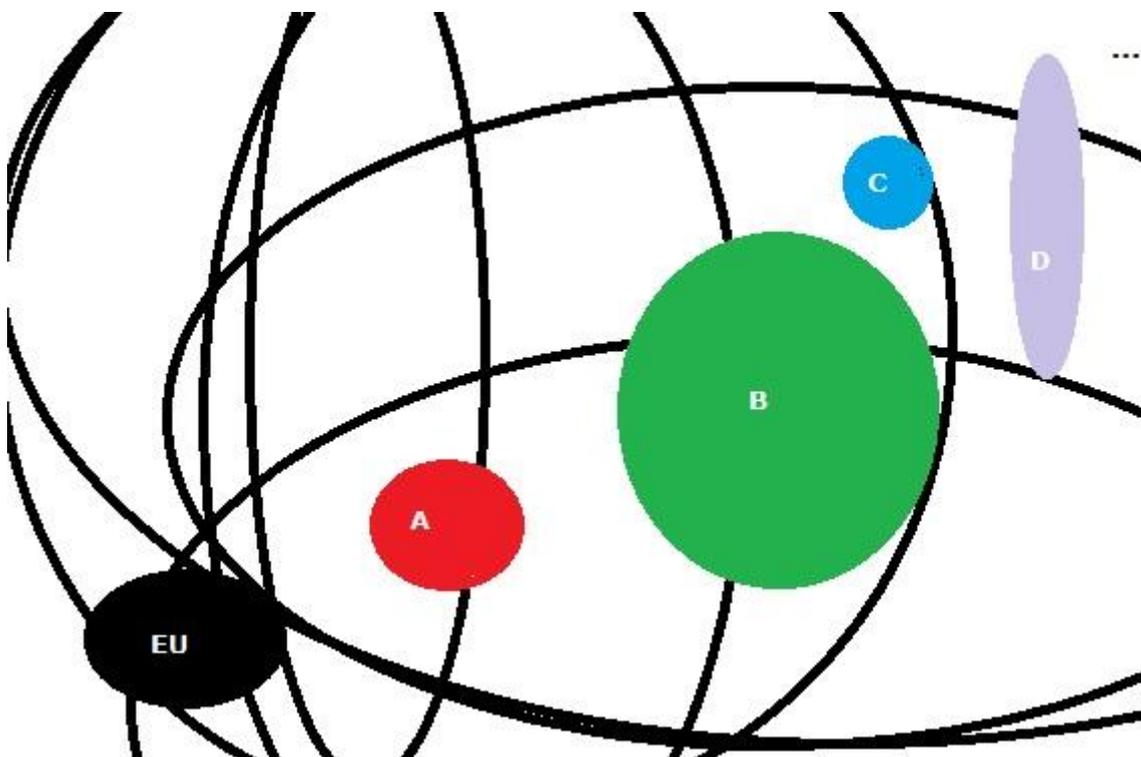


Figura B – Sistema Gravitacional de Relações Eu-Outro – Trajetórias do Eu em relação aos potenciais de ação simbólica dos Outros (A, B, C, D, ...).

Na Figura B, o Sujeito-Criador possui uma gama bastante vasta, mas não infinita, de trajetórias ao redor de tantos Outros quanto à criação exigir. Ou seja, ainda que o Eu tome a si mesmo como ponto constante de referência, ele também está em aproximações e distanciamentos em relação aos campos de ação simbólica de cada um dos Outros com quem interage. Isso, por sua vez, estabelece a possibilidade de configurações de espaços de criação compartilhados, em que, desde o Eu e para ele, a presença dos Outros assume uma das perspectivas descritas anteriormente.

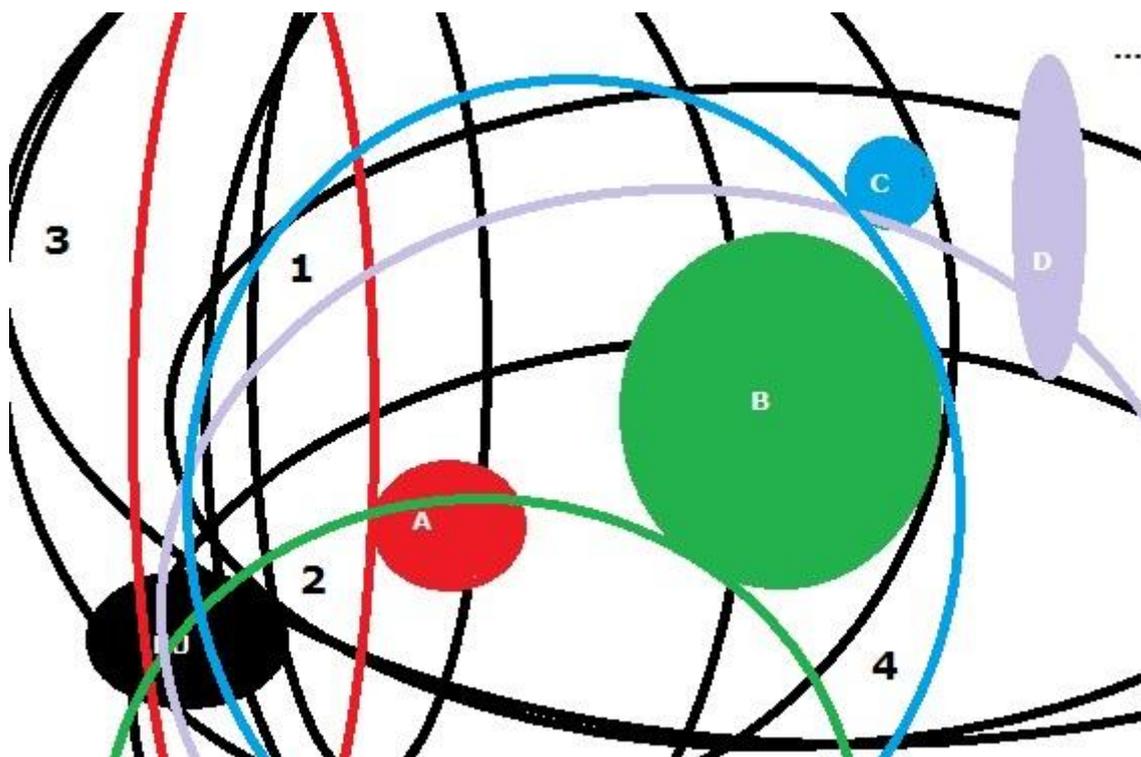


Figura C – Sistema Gravitacional de relações Eu-Outro: Espaços de ações simbólicas compartilhados.

Na figura C, os números 1 (Eu, Outro C e Outro D), 2 (Eu, Outro A e Outro B), 3 (Eu e Outro A) e 4 (Eu, Outro B e Outro C), representam a criação de espaços compartilhados de ação simbólica do Eu com outros específicos. Por se tratar de um Sistema Gravitacional de Trajetórias, os espaços de ação não são constituídos pela presença concomitante das pessoas envolvidas. O histórico das interações e projeção de possibilidades de interação com outros específicos podem ser constituintes dos espaços de ação simbólica por parte do Eu. Ainda que na figura possamos identificar muitos outros potenciais espaços compartilhados de ação simbólica, eles podem se manter enquanto potência sem se tornar efetivos nas ações de criação do Eu.

Cada um desses espaços compartilhados de criação, por sua vez, é constituído por esferas de ações simbólicas, que, segundo Boesch (1991), são

conjuntos de ações individuais e coletivas que de algum modo servem a um objetivo compartilhado pelos interatores. Cada objetivo compartilhado em um espaço de ação, portanto, constitui uma diferente esfera de ação, que pode ser mais ou menos familiar a cada um dos participantes. Por exemplo, um dançarino experiente em determinada estética e outro que recém entrou em contato com a mesma estética não possuem a mesma qualidade de familiaridade em relação a essa estética específica. Esse fato aponta para a constante assimetria das relações nos compartilhamentos, tomada por Simão (2010) como inevitável e estruturante, em certa medida, das interações Eu-Outro. Uma esfera de ação, por sua vez, pode intersectar outras parcialmente. (Boesch, 1991). Nesse sentido, o espaço compartilhado, sempre tomado aqui a partir de um referencial único, o Eu, é composto por um emaranhado de esferas de ação.

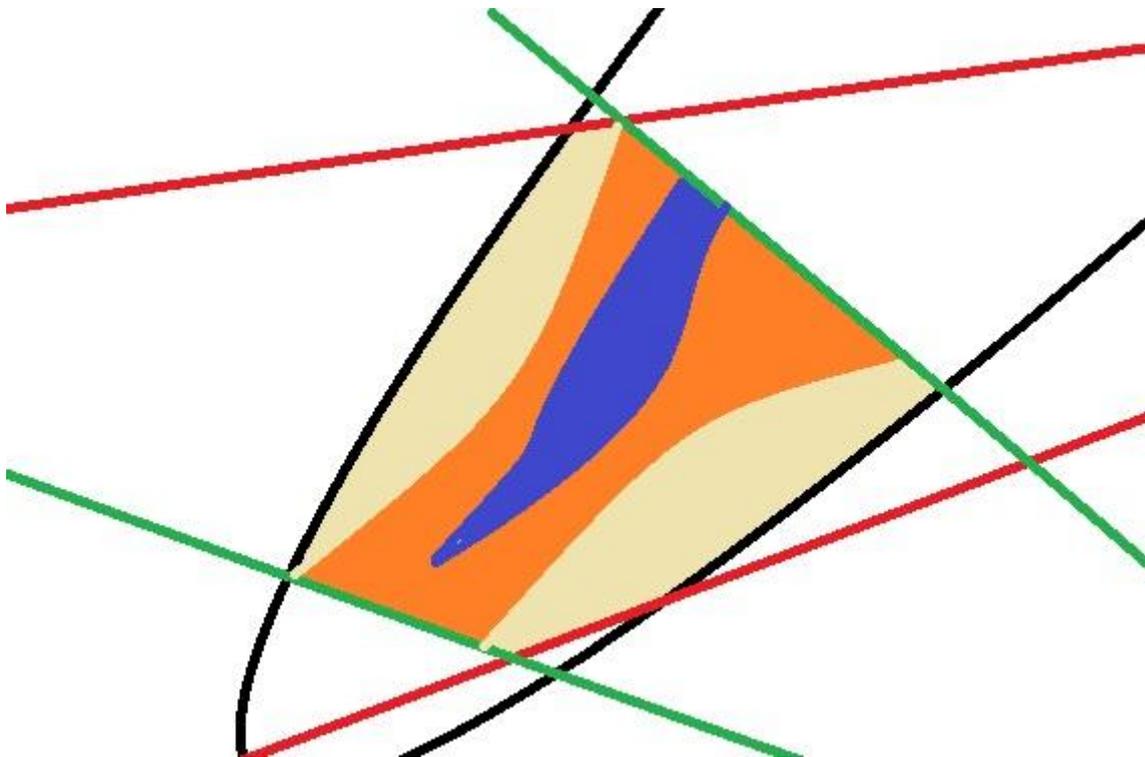


Figura D – Espaço compartilhado de ações simbólicas – emaranhados de esferas de ação.

Na Figura D, a região central corresponde a um espaço compartilhado pelas trajetórias pessoais de ações simbólicas entre um Eu (linhas pretas), um Outro A (linhas vermelhas) e um Outro B (linhas verdes), desde os interesses do Eu e com fins específicos de criação artística, por exemplo. As cores da região central são conglomerados de esferas de ação simbólica (Boesch, 1991), sendo as esferas da região bege mais familiares ao Eu, por estarem mais próximas à sua trajetória e, portanto, mais frequentemente realizadas. As esferas da região azul são menos familiares ao Eu, por estarem mais distantes da trajetória que o Eu realiza. A passagem de uma ação da região bege para uma ação da região azul implica maior complexidade de elaboração e de execução por parte do Eu. Cada um desses espaços constituídos por emaranhados de esferas de ação é temporal e contextualmente organizado. O

conjunto desses espaços compartilhados, tanto os existentes e experimentados, quanto os potenciais, constituem, desde as proposições de Boesch (1991), o campo de ação simbólica do Eu.

Nesse sentido, quando cria, o Sujeito-Criador, estabelece para si um desses espaços de compartilhamento de ações simbólicas. Ele o faz na medida em que reconhece parte de suas trajetórias de criação em relação aos Outros da criação. Ele passa a se valer daquilo que para ele é mais facilmente elaborável e realizável na criação em direção àquilo que muitas vezes deseja, mas frente a que encontra dificuldades, sejam elas de concepção ou de efetivação. Nesse sentido, o Eu toma ações desses Outros, ora como referências ou inspiração, ora como (co)construtoras das suas próprias ações em direção àquilo que se espera como produto da ação de criação artística.

Os Outros da criação são, portanto, segundos expectadores (ativos) do mundo, nos termos de Merleau-Ponty (2012); gerados enquanto segundos a partir do próprio Eu, que os investe contextualmente na direção daquilo que espera do mundo. Isso porque, o Eu reconhece que suas trajetórias pessoais e as dos Outros são comparáveis em muitos aspectos. Com isso, segundo o fenomenólogo, ao perceber que os Outros direcionam ações para o mesmo mundo que o Eu, esse se dá conta de que também seu mundo é constituído por aquilo que Outros intencionam no mundo. Os espaços de compartilhamento acima descritos são, assim, pedaços de mundo do Eu, que ele reconhece passíveis de serem operados desde o encontro que efetiva com as trajetórias dos Outros e para objetivos pontuais.

Nessa direção, Merleau-Ponty reconhece que o Outro não está em outro lugar que não seja o campo de ação do Eu. Entretanto, ele não se limita a esse campo; ele o extravasa e nisso se torna mistério para o Eu, como as partes não visíveis das trajetórias na Figura A. Ao se defrontar com esse mistério que é o Outro, o Eu, para o fenomenólogo, reconhece que ele mesmo guarda mistérios para si – trechos potenciais de trajetórias ainda não explorados. Isto porque, “A experiência do outro é sempre a de uma réplica de mim, de uma réplica minha”. (Merleau-Ponty, 2012, p. 221), já que o campo de que ele se constitui é também análogo ao campo que o Eu é (Idem, 2011). Aos poucos, portanto, o Eu percebe que o Outro não só constitui parte do campo de ação do Eu, mas também o invade e o faz se multiplicar em possibilidades outras de dentro do próprio campo, por estar às voltas com o mesmo mundo que ele. Nesse sentido é que o outro não se constitui como um Outro qualquer, senão como um duplo errante, que habita os arredores do Eu, e que compartilha com ele certa universalidade do sentir.

A errância do Outro nos arredores da existência simbólica acional do Eu, para o fenomenólogo, não só institui qualidades de percepção na relação Eu-Mundo como também reorganiza os movimentos perceptivos. Isso ocorre na medida em que o Outro evidencia para o Eu aspectos não explorados de si e do mundo. Vale a pena ressaltar que, para Merleau-Ponty, perceber não é um ato de encontro exterior do Eu com o mundo, senão um movimento que ecoa e ressoa o mundo na subjetividade do Eu. Esse movimento é instaurado e

reorganizado pela presença do Outro. Ou seja, não se trata de um aspecto inato da existência do Eu, mas sim de uma constituição de si em relação e para o mundo que se dá no contato com o Outro. (Merleau-Ponty, 2011; 2012).

Ou seja, os Outros com que as trajetórias do Eu se deparam e para quem se direcionam não só possibilitam ao Eu espaços compartilhados de ação, como fundam essa potencialidade, ao constituírem qualidades de percepção do Eu em relação ao mundo. Nesse sentido, o Outro da criação, que nos interessa aqui, é não só o potencializador positiva e negativamente das ações de criação do Eu, como também e talvez, principalmente, um dos possibilitadores ou impossibilitadores de interesses de criação por parte do Eu, já que é (co)responsável pelos modos como o mundo ecoa e reverbera no Eu. Com isso, o Outro faz possíveis e desejados, pelo Eu, certos espaços compartilhados de ação e não outros. Assim, os Outros revelam para o Eu que existem limites para suas investidas em relação ao mundo. Na criação artística, se se pretende estabelecer com (co)criadores e fruidores um espaço de compartilhamento, que permita, minimamente, o estabelecimento de caminhos a satisfazer, para o Sujeito-Criador, seus desejos no que tange às interações criadores-obra-fruidores, ele, o Sujeito-Criador, não poderá lançar mão de toda e qualquer investida em criação, senão daquelas que não impossibilitem esse espaço de compartilhamento.

Referências

Boesch, Ernest. *Symbolic Action Theory and Cultural Psychology*. Berlim – Heidelberg – Nova York: Springer, 1991.

Merleau-Ponty, Maurice. *A Prosa do Mundo*. São Paulo: CosacNaify, 2012.

_____. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Simão, Livia Mathias. *Ensaio dialógicos: compartilhamento e diferença nas relações eu-outro*. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____. "Otherness." *Encyclopedia of Global Studies*. Ed. Helmut K. Anheier, Mark Juergensmeyer, and Victor Faessel. Thousand Oaks, CA: SAGE Reference Online. Web. 22 Mar. 2012.